

As 'velhas' tecnologias da comunicação em tempos de Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Carlos Alberto de Souza
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

Desde o surgimento, o rádio tem contribuído à área educacional. Embora a ênfase do veículo, com o modelo comercial de radiodifusão implantado no Brasil, tenha sido no entretenimento, o meio nunca deixou de cumprir uma função educativa e esta pode ser revitalizada agora com a Era da Educação a Distância. O novo contexto tem embalado as universidades a utilizarem as 'velhas' tecnologias para dar conta da tarefa de educar e o sonho de Roquete Pinto, que era transformar o veículo em um meio de propagação da educação e cultura nacional, começa a tomar nova forma. O desenvolvimento do artigo envolveu pesquisa exploratória e 'visita' às propostas que envolvem o meio no novo modelo educacional. A discussão do tema tem sido atualizada por autores de diversas áreas que procuram compreender o fenômeno Rádio no contexto contemporâneo e, para isso, torna-se importante voltar ao passado, conhecer um pouco melhor o processo de desenvolvimento do rádio no Brasil.

Palavras-chave: Rádio; educação; cultura; internet; ambiente virtual de aprendizagem.

Introdução

Há pouco mais de uma década, John Thompson - importante teórico social -, conceituou e dividiu em três tipos os modelos de interação que marcaram a história da comunicação desde os primórdios da humanidade. Claro que ele fez isso com intuito didático e, em seus próprios escritos, explicou que tais modelos de comunicação coexistem na sociedade contemporânea.

Conforme observa, em *A mídia e a modernidade* (1998), os modelos de comunicação e interação se transformaram de maneira profunda a partir da descoberta dos tipos móveis e do desenvolvimento da imprensa. Thompson observava que até o surgimento da imprensa e, posteriormente dos meios eletrônicos e digitais de comunicação, a tradição valorizava comunicação verbal e não-verbal. Quase nada era escrito e as pessoas, especialmente aquelas que faziam parte do povo, eram praticamente iletradas. A descoberta dos tipos móveis representou uma revolução e em todas as partes da Europa foi crescendo o número de publicações impressas, apesar da censura da Igreja que detinha o controle sobre o poder simbólico, sobre as informações que poderiam mudar a consciência das pessoas.

O surgimento da imprensa representou a abertura a outro mundo simbólico, antes controlado pelos eclesiásticos. Novos meios de comunicação, como jornais, livros, telégrafo, telefone, rádio, televisão, internet, foram surgindo ao longo da história e contribuíram significativamente para o processo de globalização e encurtamento do tempo e das distâncias.

O surgimento de veículos, baseados em novas tecnologias de informação, possibilitou mudar radicalmente a história das interações humanas, até então marcada pelo contato face-a-face. O surgimento da televisão, internet e sites de relacionamento na rede facilitaram as conexões entre as pessoas. Instantaneamente, fica-se sabendo de tudo que acontece nos quatro cantos do planeta. As conexões a distância, por meios digitais, ultrapassam exponencialmente o poder que antigamente tinham as cartas, os jornais impressos e os livros.

O correio, telégrafo, livro e os jornais deram a partida para este novo mundo, mas foi com o surgimento da mídia eletrônica e digital que se produziu uma alteração intraduzível na área social e meio educacional. O rádio, nesse contexto de transformações da comunicação de massa, também teve papel importante e, pelo que parece, começou a despertar novamente o interesse de educadores e profissionais da mídia, especialmente com o crescimento e a consolidação de experiências no campo da Educação a Distância.

Apontamentos

O propósito deste artigo é discutir as transformações ocorridas nos últimos anos nas áreas da comunicação e educação, sem deixar de refletir sobre a pesquisa de inúmeros investigadores da mídia. Vale observar, que a atenção da pesquisa é reservada ao rádio porque ele tem sido “venerado” desde a sua descoberta, no final do século XIX, como o meio de comunicação mais democrático, graças a uma série de características que lhes são próprias. A jornada tem início com dois conceitos de Thompson: *interação quase mediada*; *interação face-a-face*. No percurso que o autor faz sobre a história das interações humanas, verifica que aos poucos vão sendo criadas novas formas de comunicação e ação a distância.

No campo educacional, por exemplo, muitos atos pedagógicos vêm se estruturando por meio dos veículos de comunicação, rádio, tevê, internet, ambientes virtuais de aprendizagem. Cursos de graduação e pós-graduação têm se utilizado das velhas e novas tecnologias com a finalidade proporcionar aos alunos melhores condições de ensino-aprendizagem. Esta revolução na área não é recente, mas vem assumindo relevância nas últimas décadas.

A função do rádio, como difusora de informação e conhecimento, já é amplamente conhecida por todos. As contribuições do veículo ao campo educacional têm chamado a atenção de educadores. Há várias experiências em rádio com o ensino, mas talvez agora seja a hora de

impulsioná-las com a oferta de cursos a distância em todas as áreas.

Recentemente, em entrevista para a Rádio Nacional, o autor deste artigo defendeu que a Educação a Distância tem aberto espaço a novas alternativas para a educação formal. Na entrevista falou-se das potencialidades do meio rádio e de alguns projetos que se desenvolveu no país, tendo o veículo como suporte (SOUZA, 2011). Para o autor, o governo brasileiro deveria estimular a cultura da educação a distância em todos os níveis, com a finalidade de melhorar a educação no país. Contudo alerta para a necessidade de fiscalização séria, já que muitas universidades, principalmente as particulares - que enxergam no modelo formas de melhorar a lucratividade -, estão promovendo cursos a distância sem as mínimas condições de funcionamento.

Muitos educadores desconhecem a importância, por exemplo, da televisão e do rádio na educação. Essas potencialidades do rádio são reforçadas aqui por suas características democráticas. O veículo chega a todos os lugares, a linguagem é acessível e de fácil compreensão (predominantemente coloquial) e consegue atingir o grande público e a massa de brasileiros que não têm acesso à escola e às universidades. Segundo Jung (2005, p. 13), o poder de penetração do rádio é muito grande. “[...] alcança 96% do território nacional, a maior cobertura entre todos os meios de comunicação com público aproximado de noventa milhões de ouvintes”. A TV, ao contrário e apesar de sua popularização, observa o autor na mesma página, está “presente em pouco mais de 87% do país, com 90% da população sintonizada em alguma emissora”.

O rádio deve ser “venerado” também por sua versatilidade: instantaneidade, simultaneidade e rapidez. São muitos os motivos apontados pela literatura que colocam o veículo em destaque. Estes motivos só precisam ser descobertos pela Educação a Distância, pelos dirigentes escolares e, também, pelos professores.

Nesta pesquisa, selecionaram-se autores que acreditam nas potencialidades informativas e educativas do veículo. Reserva-se espaço, primeiramente, a função informativa do veículo e depois ao seu papel educacional, tomando por base as experiências realizadas em várias partes do Brasil e do mundo. Procura-se resgatar, através deste estudo, experiências, a importância social do rádio, tomando em conta suas características fundamentais: linguagem oral, penetração, mobilidade, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade.

O meio tem demonstrado potencialidades informativas, educativas, mas, sem dúvida, é no entretenimento que o veículo joga mais fichas. Para os críticos, como Ortriwano (1987), há necessidade de redirecionar o seu papel, de investir mais em informação e educação. Tocar música o dia inteiro é o que mais faz o rádio. Certamente a música é um elemento importante da cultura de um povo, mas não pode esquecer as outras áreas como, por exemplo, a do ensino. Embora, algumas emissoras venham se especializando em informação e jornalismo, ainda não foi dada a devida atenção ao sonho de Roquete Pinto, um dos iniciadores no Brasil, conforme Jung (2005), do

radiojornalismo brasileiro.

Mas, ao mesmo tempo em que se abre espaço à informação e ao noticiário, começa também a crescer a oferta de produção educativa, especialmente em emissoras vinculadas ao governo, escolas e universidades. As experiências demonstram que o rádio começa a ser redescoberto como importante meio educativo e tem abrangido áreas e campos do conhecimento religioso, filosófico, artístico, científico e popular.

O rádio em tempos de guerra

Um dos primeiros a compreender importância do rádio, foi Hitler. O uso do rádio como meio informativo teve destaque com o Nazismo e foi útil para disseminar o mal e reunir a nação germânica em torno da purificação da raça Ariana. O ditador alemão soube se apropriar deste meio para difundir pelo mundo a propaganda nazista, que ‘fazia’ dos arianos seres superiores. Na contramão dessa história estavam os judeus. Este povo não estava nos planos de Hitler. Por isso foram dominados e exterminados nos campos de concentração. As mensagens difundidas pelo rádio estimulavam os soldados a combater, matar, conquistar e a lutar pelos ideais alemães.

O veículo também serviu à primeira Guerra Mundial. O meio, recém descoberto, começava a transformar a vida das pessoas, daqueles que tinham condições de comprar um receptor. As primeiras experiências acontecem na virada do século XIX, protagonizadas pelo padre brasileiro Roberto Landell de Moura, em 1892, e pelo físico italiano Guglielmo Marconi, considerado, oficialmente, o inventor do veículo. Em 1908, com o aperfeiçoamento da válvula de áudio - fato que revolucionou a técnica de transmissão e recepção -, o rádio ganha impulso. Le de Forest, responsável pelo feito, conseguia naquele ano, irradiar de cima da Torre Eiffel, as primeiras mensagens de Paris à cidade de Marselha.

Contudo, a primeira estação de rádio só é inaugurada, em 1916, na cidade de Nova York (ALMEIDA, 1971; LOPES, 1970). Nela eram transmitidos programas de conferência e música de câmara e radiojornalísticos. Por essa época, o rádio noticiava o fim da vitoriosa Revolução Bolchevista, na Rússia. E a mensagem foi emitida, de cima do Cruzador Aurora, por Lenin. Isso em 1917. Pouco a pouco, o radiojornalismo vai ganhando espaço. Na França, o meio foi utilizado para a veiculação de notícias em 1922. Gabriel Germinet inaugurava “um serviço regular e diário de notícias através da emissora Radiola e sob o título Paris Informations” (LOPES, 1970, p. 22). Em 22 também eram inaugurados na Inglaterra os serviços da British Broadcasting Corporation (BBC).

Em setembro de 1922, a empresa multinacional Westinghouse, responsável pela implantação da primeira emissora comercial nos EUA, implanta no Rio de Janeiro, Morro do Corcovado, uma pequena estação, denominada Rádio Corcovado. E, 7 de setembro do mesmo ano, o Presidente

Epitácio Pessoa transmitiu o seu discurso comemorativo ao Centenário da Independência. Porém, o surgimento oficial do rádio no país só acontece em 1923, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Segundo Jung (2005), naquele ano, a programação da emissora era feita de forma bastante amadora. Contudo, ela foi a primeira a atuar com regularidade, graças ao apoio do governo federal.

As primeiras emissões radiofônicas no Brasil, contudo, aconteceram em 6 de abril de 1919, com a Rádio Club de Pernambuco (Recife), fundada por Oscar Moreira Pinto, considerado o verdadeiro precursor da radiodifusão latino-americana. Outra experiência que ficou para a história aconteceu em 1925, época em que um grupo de jornalistas arrendou uma antena, existente na Torre Eiffel, e conseguiu reunir, naquele espaço, um grande público para ouvir a leitura de notícias e artigos. As informações eram ilustradas com desenhos e caricaturas feitos num quadro-negro enorme.

Depois desse período de experiências e da consolidação do veículo, nas décadas seguintes, o Brasil mergulha num período tenebroso. Primeiro com o Estado Novo, de Getúlio Vargas, depois com a Ditadura Militar, em 1964. Neste período, o rádio não podia ‘falar’, a censura dominou todos os veículos informativos – jornais, emissoras de rádio e televisão.

Apesar da preocupação preponderante ser com a informação, desde o surgimento o rádio foi proibido de se manifestar e quem se aventurava a desrespeitar a censura, a lei, sofria as consequências de seu ato. Por sua capacidade de difundir mensagens, o veículo logo despertou o interesse do Estado, que tomou medidas visando o seu controle. O controle foi mais rígido naqueles países que viviam sob a força de ditaduras, a exemplo das nações latino-americanas nos anos 60 e 70. Este foi o caso do Brasil. Getúlio Vargas, de acordo com Sá (1984), foi o primeiro a se entusiasmar com as potencialidades do meio, antevendo sua importância estratégica e alcance. Em primeiro de março de 1932 é assinado o decreto 21.111, que estabelecia a obrigatoriedade da concessão outorgada pelo Poder Público. Era a forma que o poder político viu para colocar o rádio e seus proprietários sob eterna vigilância.

O processo de censura aos meios de comunicação se intensifica com a instauração do Regime Militar. Nenhuma emissora, operando em ondas médias e curtas, tinha liberdade para se expressar livremente: falar de política, das ações militares e em mesmo de problemas sociais e econômicos. O rádio, os jornais e estações de TV foram proibidos de divulgar movimentos ou manifestações contrárias à doutrina militar, principalmente nos anos duros da repressão - 68 a 70. Segundo Romais (2004), as informações sobre o país muitas vezes vinham de fora, pela voz de locutores da BBC de Londres, Voz da América e de outras ondas curtas internacionais.

Ao contrário da fase da *contribuição* – segundo classificação de Sodré Pinto - hoje a ênfase do rádio é ao entretenimento, à música. Apesar disso e mesmo vivendo sob a fase comercial, há

canais se especializando em jornalismo e informação, encontrando aí sua fatia de mercado. Neste caminho estão a Bandeirantes, Record, Rádio Globo, Guaíba, CBN.

Mas, onde fica o seu papel educativo? Apesar dos períodos de censura governamental, o rádio aos poucos foi recuperando o seu papel informativo. Porém, o estímulo à educação formal ficou restrito a alguns cursos de alfabetização. Mas, esse quadro também parece que está mudando com a chegada da modalidade de educação a distância por meios eletrônicos. Há algum tempo, faz-se educação a distância no Mundo e no Brasil, eminentemente por correspondência, meio impresso, a exemplo do que vem fazendo há décadas o Instituto Universal Brasileiro. Também cresce, nas escolas e universidades, o espaço educação à cultura, atividade tão sonhada por Roquete Pinto, que já teve a sua fase de ouro e que aos poucos foi perdendo espaço.

Futuro promissor

O papel educativo do rádio, acredita-se, poderá ser alavancado com o crescimento da Educação a Distância no Brasil. Como importante meio de interação entre as pessoas, o meio se encaixa como uma luva no processo de ensino-aprendizagem. Ele só precisa ser redescoberto, revalorizado e suas funções/papeis redimensionados.

A função educativa do rádio é tão velha, quanto o seu papel informativo. Emissoras como a BBC de Londres, Rai Italiana e a Rádio Canadá desenvolveram e tem desenvolvido programação com esta finalidade. No Brasil, também, várias estações têm garantido espaço para o trabalho na área da educação. Esta era a meta principal da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923, que inaugurava uma série de cursos, aulas e conferências ministradas por pessoas de renome no meio intelectual e educacional brasileiro.

A transformação do rádio em empresa e a intervenção do Estado em quase todos os lugares, segundo Sá (1984, p. 07), levou o meio a se transformar em “uma simples máquina de lazer”, isto é, “um supermercado com entrega em domicílio de entretenimento, diversão e preenchimento do ócio”. Nesta fase (comercial, mantida pela publicidade), o rádio deixa de ser ‘erudito’, ‘educativo’ e ‘cultural’. A mudança na programação é forçada por interesses comerciais e industriais. O veículo, diz Erbolato (1980), curva-se diante dos números da audiência e programas bons, educativos deixam de ser transmitidos simplesmente porque nem todos gostam, por exemplo, de ouvir uma orquestra sinfônica, aprender um idioma.

Aos poucos, o sonho de Roquete Pinto vai sendo deixado de lado. Este falava do rádio como o mestre daqueles que não podem ir à escola e o jornal dos que não sabem ler. Apesar da primazia do modelo comercial, vêm ganhando espaço as atividades educativas, embora ainda por meio de experiências tímidas.

O rádio, pelo menos essa é a esperança do autor, está sendo redescoberto como ferramenta de educação e isso poderá ser impulsionado com os investimentos que vem sendo feito pelo Ministério de Educação e pelas instituições de Ensino Superior, no setor educacional. Pensa-se cada vez mais em uma educação voltada a todos. O espaço universitário, com a modalidade de Ensino a Distância está passando por transformações que implicam em mudanças no modo de fazer e na compreensão de que já não é mais necessário ir para a escola para ter uma profissão.

Algumas universidades, em conformidade com os novos tempos de interação mediada (telefone) e quase mediada (rádio, televisão, internet), sabem que a ‘revolução’ já não acontece mais na ‘presença’. As mudanças apontam que tudo é possível a distância, inclusive aprender, participar de um curso de graduação ou pós-graduação, a exemplo do que faz a Unirede, consórcio de universidades brasileiras envolvidas com a Educação a Distância. O uso do rádio no ensino fundamental e de II grau também começa a se torna prática comum.

A Internet e a TV são as ferramentas mais utilizadas na educação a distância. Programas de teleducação (telecursos de I e II graus) são exibidos frequentemente pela programação brasileira. Mas, as velhas e novas tecnologias de educação a distância: o telefone e o rádio, não devem ficar para trás. Cardoso (1999) sugere: os ‘velhos’ meios devem ser utilizados de maneira criativa, moderna. Para justificar sua posição, a pesquisadora invoca Bertolt Brecht. Este acredita que o rádio poderá ser o mais gigantesco meio de comunicação, desde que seja capaz de receber mensagens, ou seja, que consiga que o ouvinte não só escute, mas também participe, interaja, mantenha-se em relação.

Apesar de suas potencialidades, o meio, destaca Almeida (1971), tem sido pouco utilizado para educar e para reduzir, por exemplo, o analfabetismo, principalmente nas áreas rurais. Esse era o trabalho que fazia, com sucesso, a Rádio Clube de Pernambuco, na década de 20. Tarefa idêntica foi assumida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em 1957, e por outras entidades.

No contrapé da história do rádio, que se encolheu no papel de educar, uma contribuição significativa foi desenvolvida pela professora Zeneida Alves de Assumpção, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. Ela é autora do livro *Radioescola* (1999). Nesta obra, sintetiza os movimentos realizados no sentido de resgatar o papel educativo do meio.

No prefácio desta obra, Roberto Salvador explica que “o Rádio já é uma escola, pois tem o dom de transformar a vida em sonoridade, penetrando não apenas no pensamento do ouvinte, mas naquilo que ele tem de sensibilidade”. O ouvinte, no papel de decodificador de mensagens, elabora ideias, cria imagens, produz fantasias, enriquece o espírito, modifica ou consolida comportamentos.

Para a autora a utilização do rádio, através de circuito fechado, nas escolas do ensino fundamental é uma alternativa interessante para complementar à formação do aluno. A intenção é prepará-lo - no caso específico da experiência que desenvolveu -, por meio da produção e execução

de programação radiofônica, para o exercício da cidadania. No resgate que faz do uso do meio, relaciona as experiências realizadas, a partir dos anos 60, pelo Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, reconhecido pela Constituição do Estado da Bahia, em 1989, como Sistema de Educação a Distância Fundamental. Apresenta as contribuições da Fundação Padre Landell de Moura (FEPLAM), criada em 1967. “Há oito anos, a Feplam conta com uma emissora radiofônica, a Rádio Educadora AM 1340 Khz, cuja programação acontece das 5 às 23 horas” (ibid., p.37).

Dentre os programas que coloca no ar estão o *Rádio-Escolar*, *Educação Supletiva de Primeiro Grau*, *Educação Básica*, *Viva o Livro*, *Educar para o Trânsito*, *Mundo Rural*. Outra fundação é a Padre Anchieta, criada em São Paulo, em 26 de setembro de 1967. Atualmente, o Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativa/Fundação Padre Anchieta veicula programação educativa pela Rádio Cultura AM – 1200, FM – 103.3 e TV canal 2 de São Paulo. Trata de outras iniciativas: Projeto Minerva e Fundação Roquete Pinto. Esta última veicula ainda hoje, através da Rádio MEC AM e FM, uma programação variada, incluindo cursos de francês, concertos e óperas.

Na visão de Assumpção, o meio reúne todas as qualidades para o ensino. Por isso, é que a Unirede (Consórcio de Universidades Brasileiras), no curso de Formação em EaD, dedicou um de seus módulos ao rádio. Este curso prepara agentes para atuar com a educação no país, utilizando-se dos recursos de mídia e o rádio é um dos destaques pelas esperanças que coloca no ar e pelas possibilidades de contribuir com as mudanças que se apontam no universo educacional.

Ortriwano (1985) explica que são justamente as características do rádio que o habilita a conquistar espaços no ensino tradicional e, principalmente, no ensino a distância. Por suas características o meio tem condições de ganhar rapidamente campo frente a outros veículos. Torna-se fácil ao professor, com conhecimento do meio, transmitir parte do programa de uma disciplina, de uma aula, utilizando-se para isso dos recursos do radioteatro, da música, da leitura de livros de literatura, história, português ou mesmo disponibilizando no Ambiente Virtual de Aprendizagem uma programação radiofônica compatível com o que está sendo ensinado.

De acordo com Souza (2001), o recurso da oralidade, as entrevistas, a mobilização de especialistas, em determinadas áreas do conhecimento, para falar assuntos de interesse de alunos, espalhados geograficamente, são possibilidades plausíveis. Mas antes de tudo é necessário simplicidade na construção das mensagens, observa Correa (2003). Para ser simples, entre outras coisas, salienta, é necessário lembrar que o texto será falado e ouvido; repetir palavras é melhor que usar expressões como ‘o mesmo’, o ‘já citado’; estabelecer comunicação direta com o ouvinte, sempre que possível; resgatar em linhas gerais todo o assunto apresentado em edições anteriores.

Tomando em conta os objetivos da disciplina, o professor poder trabalhar quase ao mesmo tempo com padrões de linguagem coloquial e formal (SOUZA, 2001). Ele terá que saber dosar as várias formas de se comunicar e interagir com os estudantes e uma das formas possível é pelo meio

rádio. O rádio pode ajudar os alunos a manter o interesse na disciplina ou no curso em que está matriculado. Para que isso aconteça é necessário que o professor ouse, seja criativo e tenha em mente que para ensinar vale todo o esforço. A fonte de inspiração para inovar na educação pode ser encontrada em alguns sites e em propostas que ajudam a demonstrar, por exemplo, as potencialidades do rádio. A seguir, disponibilizam-se sites onde é possível conhecer a batalha de muitos profissionais do rádio para transformar o meio em importante instrumento educacional. Na verdade há vários endereços eletrônicos interessantes. Aqui elencamos apenas alguns que valem ser visitados: <http://www.meb.org.br> (Movimento de Educação de Base - MEB); <http://www.irdeb.ba.gov.br> (Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia); <http://www.feplam.com.br> (Fundação Padre Landell de Moura) <http://www.cultura.sp.gov.br/padre-fundo.htm> (Fundação Padre Anchieta)

Considerações finais

O mundo mudou muito com o advento das tecnologias de computador e vem transformando significativamente a área educacional. A oferta de educação a distância aos brasileiros também cresceu, tanto em instituições públicas de ensino, como nos estabelecimentos privados. Na verdade, a onda de aulas a distância, baseadas em ambientes virtuais de aprendizagem, começa a fazer parte do cotidiano educativo nacional em praticamente todos os níveis, mas especialmente no ensino superior. Como observou Thompson (1998), as relações sociais no mundo contemporâneo são, cada vez mais, mediadas pelos dispositivos eletrônicos/digitais de comunicação. A convergência entre novas e velhas tecnologias de comunicação propiciada pela Internet é fato e a escola começa a tirar proveito disso para dinamizar o ensino. Apesar das ‘premonições’ catastróficas de que as velhas tecnologias de comunicação sucumbiriam a cada nova invenção, o que se verifica é totalmente o contrário. O livro não deixou de existir com o rádio e a Internet, o rádio também não foi apagado pela televisão e web. Muitos educadores têm conseguido revitalizar “os velhos” meios de comunicação para oferecer aos alunos um ensino dinâmico e de qualidade. O bom comunicador, o educador sensível, deve estar aberto à experimentação de novas fórmulas, novas possibilidades.

E o rádio, por suas características já ressaltadas ao longo deste texto, pode muito bem ser aproveitado. Aulas a distância pelo computador, ou mesmo por circuitos de televisão, podem contribuir para motivar os alunos, fazendo-os compreender melhor o conteúdo elaborado pelo professor, pode também motivar a imaginação e criar “refrescos” para a memória. Enfim, as possibilidades na era dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem são amplas. E, para ativá-las é necessário, antes de tudo, vontade e disposição criativa. A internet tem a capacidade de reunir os meios e tem condição privilegiada de levar a mensagem para muito longe. Suas potencialidades

ainda estão sendo exploradas em várias áreas. Nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, pode-se fazer uso da programação radiofônica e mesmo de programas televisivos. E isso já começa ser realidade em alguns lugares, em algumas universidades. Muitos conteúdos podem ser produzidos em laboratórios de rádio das universidades e compartilhados pelos setores de Educação a Distância a alunos do Brasil e mundo. E o que é preciso para fazer este modelo funcionar? Entusiasmo e criatividade por parte dos professores e dirigentes escolares.

Referências

- ALMEIDA, M. **A comunicação de Massa no Brasil**. Belo Horizonte: Júpiter, 1981.
- ASSUMPÇÃO, Z. A. de. **Radioescola**. São Paulo: Annablume, 1999.
- CARDOSO, A. M. de L. As velhas-novas tecnologias de educação a distância. In: **Vozes e Diálogo**. Itajaí: UNIVALI, n 3, abr. 1999.
- CORREA, L. L. **Cuidados com a linguagem radiofônica**. Itajaí: UNIVALI, 2003.
- ERBOLATO, M. L. A radiodifusão brasileira. In: **Comunicação e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n 4, out. de 1980.
- JUNG, M. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2005.
- LOPES, S. C. **Radiodifusão hoje**: temário da comunicação. Rio de Janeiro: Temário, 1970.
- ORTRIWANO, G. S. (org.). **Radiojornalismo no Brasil**: dez estudos regionais. São Paulo: Com-Arte, 1987.
- ROMAIS, C. **O que é ondas curtas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SÁ, A.. Rádio, veículo de comunidade. In: **Revista de Comunicação Social**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, vol. XIII, XIV, 1994.
- SOUZA, C.A. de. Educação nas ondas do rádio. In: **Revista do Curso de Formação a Distância** – Unirede. Curitiba: MEC/Seed, 2001.
- _____ **Potencialidades do rádio para a educação a distância**. In. Rádio Nacional, Rio de Janeiro, jun. 2011.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998.